

A modernidade do campo e as transformações das relações hierárquicas

Maria das Graças Campolina Cunha

Docente na Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES)
e-mail: gracapira@yahoo.com.br

Carlos Rodrigues Brandão

Docente na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
e-mail: carlosdecaldas@gmail.com

Resumo

Este artigo teve como objetivo compreender as relações de trabalho vivenciadas no decorrer das transformações que historicamente se acentuam no espaço rural nordestino e a visibilidade dada ao trabalho da mulher diante das reconfigurações que se instalam neste espaço. Para alcançar este intento, a comunidade Gameleira foi escolhida como locus desta reflexão e serviu de palco para as interpretações aqui apresentadas. Utilizando os procedimentos da pesquisa etnográfica, este artigo é um esforço interpretativo sobre os processos sociais vividos. Como resultado desta investigação, desenvolvida a partir dos nomes dados ao trabalho feminino, fica evidente as estratégias utilizadas pelo homem para permanecer no papel de “chefe de família”, assim como a resignificação do papel da mulher na comunidade e a sua visibilidade em decorrência das novas atividades que ela passa a exercer diante do novo cenário fruto da modernidade do campo.

Palavras-chave: Comunidade rural; mundo do trabalho; relações de gênero.

The modernity of the countryside and the transformation of the hierarchical relations

Abstract

The purpose of this article was understanding labor relations experienced during the historical transformations that took place in rural space of North of Minas Gerais, Brazil, as well the visibility of women under reconfigurations settled in this space. To achieve this purpose, the community of Gameleira was chosen as this locus reflection and served as stage for interpretations presented in this paper. Using ethnographic procedures of research, this article consists of an interpretative effort about experienced social processes. As a result of this research, developed from the names given to female labor, it is evidenced the strategies used by men to remain in the role of householder as well the resignification of women's role and their visibility in result of new activities in which the activities they can exercise under the new scenario as a fruit of modernity of the countryside.

Keywords: Rural space; labor; gender.

La modernidad del campo y las transformaciones de las relaciones jerárquicas

Resumen

En este artículo se pretende comprender las relaciones de trabajo experimentado durante las transformaciones que históricamente se acentúan en el norte de Minas Gerais/Brasil

Revista NERA	Presidente Prudente	Ano 20, nº. 35	pp. 65-82	Jan-Abr./2017
--------------	---------------------	----------------	-----------	---------------

campo y la visibilidad dada a trabajo de la mujer en la cara de reconfiguraciones que están instaladas en este espacio. Para lograr este propósito, la comunidad Gameleira fue elegido como un lugar de esta reflexión y sirvió como escenario para las interpretaciones dado tiempo. Usando los procedimientos de investigación etnográfica, este artículo es un esfuerzo interpretativo de los procesos sociales vivió. Como resultado de esta investigación, desarrollado a partir de nombres dados a trabajo de las mujeres, es evidente las estrategias utilizadas por hombre de permanecer en el papel de "cabeza de familia", así como replantear el papel de la mujer en la comunidad en su visibilidad consecuencia de las nuevas actividades que comienza a ejercer delante del nuevo escenario fruto de la modernidade del campo.

Palabras clave: Comunidad rural; mundo del trabajo; relaciones de género.

Introdução

Gameleira é uma comunidade rural que se encontra territorialmente inserida em dois municípios localizados no norte de Minas Gerais, Bocaiúva e Glaucilândia. Em decorrência deste fato, é difícil obter informações precisas sobre a comunidade, visto que elas se encontram espalhados e fragmentados entre as duas sedes municipais. Através de realização de trabalho de campo e de pesquisa documental com agentes da FUNASA, podemos estimar que a sua extensão territorial é de 5,860 Km², onde se encontram distribuídas 81 residências e uma população estimada de 246 habitantes.

Sobre a sua origem, esta comunidade se formou a partir da instalação de retirantes baianos que deixaram a terra natal em busca de melhores condições de vida, a partir de finais do século XIX e início do século XX. Segundo relato dos moradores, Gameleira não era o lugar de destino, mas uma pausa dos retirantes cansados da longa viagem. Havia uma grande árvore gameleira onde hoje se encontra a comunidade, que era utilizada como ponto de descanso para os viajantes, servindo abrigo e sombra para as famílias. Devido ao cansaço e às dificuldades enfrentadas, algumas famílias resolveram terminar a busca ali e passaram a residir no lugar que hoje recebe o mesmo nome da árvore. Este foi o principal fator relatado pelos moradores locais que deu origem à comunidade estudada.

Na Gameleira existe uma estrada chamada “Estrada Baiana” que atualmente não é mais a principal via de chegada, mas que historicamente está ligada à sua origem. Os estudos realizados por Paula (2009) apontam esta estrada como importante rota de migração nordestina para São Paulo. Segundo a memória coletiva da comunidade, esta estrada começava na Bahia, atravessava Minas Gerais e terminava em São Paulo. Era uma estrada de terra por onde viajavam por meses famílias nordestinas retirantes, tropeiros levando gado para Curvelo e ciganos.

De acordo com relatos dos antigos moradores, as famílias que decidiram ficar na Gameleira passaram por muitas dificuldades. Estas famílias saíam de suas terras e percorriam grandes distâncias a pé. Quando tinham algum tipo de animal de carga –

jumentos, burros ou mulas – levavam instrumentos de trabalho, sementes e mudas para facilitar a sua instalação em outros lugares. Quando não, contavam com a sorte para se instalarem em algum lugar e conseguirem sobreviver, muitos deles não conseguiram.

Assim, ao contar a história da Gameleira, os moradores sempre a ligam ao trabalho árduo e às condições precárias de vida em que se encontravam seus pioneiros moradores. Trabalho exaustivo e infundável, realizado tanto pelos homens quanto pelas mulheres, para a retirada da mata nativa e o preparo da terra para cultivo quase sem ferramenta nenhuma para ser realizado.

Para as mulheres ficaram as lembranças do trabalho incessante entre plantio e cuidado da casa e principalmente o medo da gravidez e da “hora do parto” que ocasionalmente findava em complicações e mortes prematuras. Faz parte das histórias de vida das antigas parteiras o sentimento de impotência por não terem conseguido salvar vidas de pessoas queridas.

Também faz parte das lembranças desta população a quantidade de pessoas que faleceram acometidas por doença de Chagas. “*Morriam de uma hora para a outra, num davam aviso*”. As casas de adobe que primeiramente edificadas tornavam-se moradas do barbeiro, o protozoário *Trypanosoma cruzi*.

Em contrapartida, é desta época difícil de desbravamento e de trabalho sobre-humano, que a população guarda as lembranças mais alegres sobre os acontecimentos festivos relacionados aos rituais católicos. A organização e o acontecimento desses eventos são sempre relatados com entusiasmo em meio a risadas dos moradores mais antigos.

É importante observar na atualidade que o processo de migração esvazia a comunidade que conta com uma população que, inversamente ao passado, se alarga no topo da pirâmide etária a cada década. Uma itinerância que reflete o movimento constante de uma população rural que permanece não encontrando outra saída que não seja a migração. A divisão das terras para os filhos descendentes também acarreta a migração, visto que a minifundização não dá mais condições de reprodução das novas famílias que vão se formando.

A discussão que se segue foi realizada a partir dos nomes dados ao trabalho feminino, em que se procurou desvendar as hierarquias existentes na Gameleira, tanto no passado, quanto na atualidade.

De Lavrador@S-Criador@S a Criadores-Lavradores: Significação e ressignificação do trabalho e das hierarquias

“com foice, enxada e braços que a gente juntava forças para conseguir desbravar a terra para sobreviver com as famílias”.

Dona Iraci, 2013

Iniciamos esta seção justificando seu título. O símbolo arroba (@) foi utilizado para designar, juntos, os dois gêneros: masculino e feminino. Este símbolo já é usado e difundido informalmente com esta finalidade e ele é o que mais se encaixa na discussão proposta: Um passado de trabalho na roça que envolvia toda a família da Gameleira, eram lavrador@s-criador@s homens e mulheres, para um presente em que o trabalho de criação de gado envolve bem mais o tempo e o trabalho masculino, são eles criadores-lavradores.

Para discorrer sobre este assunto, procuramos descrever a Gameleira a partir das relações que envolvem o processo produtivo que garante a base alimentar e econômica da população. Ou seja, esta seção teve como objetivo compreender, tanto no passado quanto na contemporaneidade, o trabalho realizado por homens e mulheres e as formas como ele foi sendo remodelado ao longo das mudanças vividas. Isto porque, sendo uma comunidade em processo de transformação, as dinâmicas internas que envolvem as atividades agrícolas também se modificam, e neste bojo o papel da mulher é ressignificado e reinventado.

Como já relatado na introdução, no primeiro momento de povoamento da comunidade as mulheres tiveram que trabalhar em parceria com os homens. Tiveram que executar as mesmas atividades que eles, num trabalho desgastante e cansativo. Ao mesmo tempo era de sua responsabilidade a execução dos trabalhos domésticos, o cuidado da prole e a alimentação de toda a família.

Gameleira: Construção da Terra de Trabalho

A construção da terra de trabalho pelas primeiras famílias da Gameleira foi realizada para suprir as necessidades de sobrevivência imediatas. Neste sentido, a mulher exerceu atividades que em outras comunidades estudadas caberiam aos homens. Isto devido à força física despendida para desempenhá-las ao construírem seus espaços de vida. Assim ocorreu porque não havia possibilidade de divisão de tarefas nos primeiros anos de povoamento da Gameleira, prolongando-se por três gerações a participação da mulher em atividades consideradas masculinas. Elas derrubaram a mata, destocaram a terra, araram e plantaram, cuidaram do gado com a mesma intensidade que o homem na realização dos trabalhos.

A atuação feminina no espaço da lavoura ocorria de forma tão efetiva, que seu papel é reconhecido na atualidade pelos homens entrevistados. Segundo o Sr. Geraldo “*As mulheres trabalhava mais que os homens. Levava a enxadinha e ia em par pra roça. E num reclamava não. Tudo enquanto era mulher aqui trabalhava na roça, e tinha filho todo ano*”.

Este arranjo reflete as formas como as mulheres são identificadas, se identificam, se percebem e se vêm integradas ao grupo. Deste modo, as relações hierárquicas ocorreram através da divisão e da organização do trabalho das tarefas. A mulher executava

suas atividades tanto na unidade de consumo, como na unidade de produção. Contudo, a sua função de gerenciamento reconhecida era na primeira, ou seja, era dela também a responsabilidade dos trabalhos que envolviam a alimentação da família e o cuidado com as crianças e animais de criação de pequeno e médio porte, apesar de estas atividades terem sido acompanhadas de uma carga exaustiva de trabalho no roçado e de beneficiamento dos produtos cultivados.

O homem desempenhava todo o seu trabalho e a sua liderança na unidade de produção e na comercialização dos produtos cultivados. Refletindo outras comunidades estudadas, o “mundo de fora” encontrava-se na esfera do domínio masculino, uma forma de se manter a hierarquia por meio dos papéis desempenhados pelos membros familiares.

Para a venda dos produtos cultivados ou beneficiados, os homens levavam suas cargas para a estação ferroviária de Alto Belo (Bocaiuva) ou para a estação da Rede Ferroviária Central do Brasil onde hoje se situa o município de Glaucilândia, que tem a sua história vinculada à esta estrada. Estes dois pontos eram lugares de comércio entre a região metropolitana de Belo Horizonte (Santa Luzia) e o Norte de Minas (Itacambira, Juramento, Montes Claros, Bocaiúva), locais onde se vendia e despachava produtos, como a banha de porco, o milho, a mamona, o algodão e o gado. Este tipo de organização assinala a hierarquia familiar: a compreensão de que o homem é o “*chefe de família*”, pois é ele que comercializa e conduz o processo produtivo na lavoura.

O processo produtivo envolvia atividades executadas durante todos os meses do ano para se garantir o equilíbrio alimentar das famílias, como mostra o quadro a seguir.

Quadro 01: Calendário de Trabalho da Gameleira: Entre início do século XX e finais da década de 1990.

CALENDÁRIO DE TRABALHO DA GAMELEIRA <i>Entre meados do século XX e finais da década de 1990</i>						
Mês	Unidade de produção			Unidade de consumo e de beneficiamento dos cultivos		
	Atividade	Processo/tempo	Quem executava	Atividade	Processo/tempo	Quem executava
Set.	Preparo da terra para plantio	Arar e “destorroar” a terra	Mais homens que mulheres	<ul style="list-style-type: none"> • Preparo das refeições; • Cuidado com os filhos; • Organização do espaço físico da casa; • Fiar cordão para a produção de cobertas e roupas de trabalho; • Criação de animais de pequeno porte. 	Grande parte das atividades desenvolvidas na unidade de consumo e beneficiamento não era dividida pelos meses do ano, pois eram realizadas diariamente, visto que envolvia as necessidades básicas e cotidianas da família.	Mulheres
Out.	Planta da roça	Feijão, feijão de corda, milho, arroz. Dependia da chuva o início do plantio.	Homens e mulheres			
Nov.	Limpa da roça	Com a enxada, para tirar o mato	Mais homens que mulheres			
Dez.	Limpa da roça	Com a enxada, para tirar o mato	Mais homens que mulheres			
Jan.	Colheita de feijão	Em média após 60 do plantio	Homens e mulheres			
Fev.	Repasse da limpa da roça	Novamente o mato devia ser combatido com a enxada.	Homens e mulheres			
Mar.	Roçada do pasto	Limpeza das áreas de pastagem.	Mais homens que mulheres			
	Dobra do milho	As espigas eram dobradas para não apodrecerem com a chuva	Homens e mulheres			
Abr.	Plantio de hortaliças	Cultivadas na beira do rio das Pedras.	Homens e mulheres			
Mai.	Colheita de feijão de corda, catador e arroz.	Em média após 80 dias do plantio	Homens e mulheres			
Jun.	Colheita de milho	Entre 85 e 90 dias do plantio	Homens e mulheres			
Jul.	Colheita de milho	Entre 85 e 90 dias do plantio	Homens e mulheres			
Ago.	Retocar as cercas	Reparo das cercas dos pastos	Homens			

Fonte: Pesquisa de campo - Jehnne Crisley Amorim, 2012. Org. CUNHA, 2013.

Este quadro sintetiza o trabalho desempenhado por todos os moradores, desde o preparo da terra para o cultivo, a colheita dos alimentos, a produção da rapadura e da farinha e os trabalhos demandados na manutenção da família. Nele é descrito como e quando essas atividades eram realizadas, o que e quem fazia e produzia, no tempo em que a mais importante atividade na Gameleira era a lavoura.

Na organização deste calendário, o preparo da terra começava em setembro, mas segundo os moradores, podia começar também em outubro, pois dependia da primeira chuva para o início dos trabalhos. Este quadro sintetiza a realização do trabalho na comunidade até a década de 1990, e também as diversas formas de saberes expressos em suas práticas, como descrito a seguir a partir de relatos dos moradores:

Arar e “destorroar” a terra representavam uma etapa essencial para o sucesso da colheita. Para preparar a terra eram utilizados os arados de tração animal. Este tipo de preparo da terra é considerado o mais adequado que os realizados pelos atuais tratores, pois *“a terra fica melhor quando é mexida pelo arado, pois o trator é pesado demais e acaba compactando a terra. Mas ela tem que ser mexida para levar o adubo pras raízes, se não ele fica na superfície e não alimenta as sementes, tem que fofar e levar pra baixo”* (Caetano Amorim). “Destorroar” a terra significa desmanchar os torrões que ficam depois que o terreno foi arado. Segundo Caetano, destorroar é diferente de gradear, uma vez que o primeiro é realizado por tração animal e é mais eficiente e o segundo é realizado por “máquina”. Para “destorroar” a terra, passava-se pela área arada com uma tora grossa de pau amarrada que era puxada por um par de bois um de cada lado.

O termo local “limpa da roça” indica a limpeza que devia ser realizada antes do plantio para retirar o resto da vegetação e fazer a coivara, que consiste na queima da vegetação retirada, que localmente é chamado de “queima da paiada”. “Planta da roça” significa o plantio das sementes ou das mudas, no caso da manaíba (caule da mandioca) e da cana-de-açúcar. O plantio era realizado com a chegada do tempo das águas, pois dependia da chuva a época certa para “jogar a semente na terra”, entre outubro e novembro. Plantava-se feijão, feijão de corda, milho e arroz. Com a chegada da chuva e o plantio das sementes, havia a necessidade de voltar a limpar o terreno nos meses de novembro e dezembro para retirar o mato que nascia e que podia “sufocar” a planta.

No mês de janeiro iniciava-se a colheita do feijão, em fevereiro ocorria o “repasso da limpa da roça”. Em março o trabalho era realizado no pasto, a “roçada do pasto” que consiste na limpeza realizada com a foice para retirar a vegetação que não servia para a alimentação do gado. Era também em março que se “dobrava o milho”, ou seja, dobravam os pés de milho para baixo para que as águas da chuva não apodrecessem as espigas. Nesta época o milho já estava maduro, mas ele só devia ser colhido depois que estivesse

seco, e por isto a necessidade de proteger as espigas até que elas alcançassem este momento.

Em abril as hortaliças eram plantadas nas margens do rio das Pedras. Nesta época, ainda não havia água encanada e era ali o lugar mais fértil e de maior umidade, propício para o cultivo de abóbora, melancia, maxixe e outras verduras, tubérculos, raízes e leguminosas que faziam parte da dieta alimentar da comunidade.

A colheita do feijão de corda, do feijão catador e do arroz ocorria em maio, seguido pela colheita do milho em junho e julho. Todos estes produtos eram transportados em carros de boi e depositados nos terreiros das casas para serem batidos (no caso dos feijões e do arroz). Após a separação das cascas, ramos ou galhos, eram acondicionados em sacos de estopa. Depois de batido e antes de ser ensacado, o arroz era socado no pilão pelas mulheres para a retirada da casca. O milho era guardado nos paióis e era utilizado tanto para o consumo da família quanto dos animais.

No mês de maio iniciava-se a produção da farinha e da rapadura. Contudo, era no mês de agosto, quando cessavam os trabalhos de colheita, que esta atividade alcançava o seu pico de produção. Devido às especificidades que envolvem o cultivo da mandioca e da cana-de-açúcar, no calendário de trabalho apresentado não foram incorporados estes dois vegetais. Suas mudas são plantadas em covas mais profundas e estas plantas têm um ciclo de amadurecimento diferenciado das demais, apresentando crescimento lento que ultrapassa o ano agrícola.

Além disto, a colheita era realizada de forma seletiva, sendo retirado apenas o necessário para a produção imediata, deixado na terra uma quantidade que assegurava o consumo in natura durante o ano. Isto porque a farinha pode ser produzida em qualquer época do ano, visto que a mandioca fica conservada no solo durante longo tempo depois do seu amadurecimento. Assim também ocorre com a cana-de-açúcar. Portanto, as atividades realizadas nos engenhos e nas casas de farinha ocorriam nos períodos em que a agricultura demandava menor tempo de trabalho, ou seja, entre os meses de maio e agosto.

O preparo da farinha envolvia um grande número de pessoas, geralmente família e vizinhos. Ela era produzida na “casa de farinha”, local onde se encontravam os equipamentos necessários para a sua produção. A farinha produzida era destinada ao consumo interno. Quando produzida em grande quantidade, depois de estocada a porção necessária para o abastecimento da família durante o ano, o excedente era comercializado.

Quanto à produção da rapadura, esta atividade era realizada nos engenhos. Este trabalho também era realizado em mutirões e, apesar de cansativo, sempre envolvia a euforia do fazerem e do estarem juntos. Nesta época havia vários engenhos na comunidade e a produção demandava um tempo intenso de trabalho. A rapadura também era produzida para consumo interno e, assim como a farinha, era estocada para durar até o próximo

período de sua fabricação. Quando havia a produção excedente, esta também era destinada ao comércio.

Finalizado o mês de agosto e a produção da rapadura e da farinha, tinha início o novo ciclo de produção agrícola, o preparo da terra para receber as sementes da próxima safra.

Além das atividades já descritas, a criação de animais demandava cuidados diários que faziam parte da rotina da população. A alimentação dos porcos e galinhas, a ordenha da vaca e o preparo do queijo, o reparo das cercas, o abate dos animais eram realizados para suprir a necessidade alimentar e econômica da comunidade.

Como já relatado a respeito da divisão do trabalho, as atividades produtivas envolviam toda a família, porém, as atividades relacionadas à reprodução e ao cuidado familiar eram realizadas pela mulher, como aponta a segunda divisão do quadro (unidade de consumo). Geralmente uma filha ficava em casa para preparar a comida e para olhar os irmãos ainda pequenos. Porém, se o casal não tinha filha ainda em condições de cozinhar, a mãe retornava à sua casa para terminar de preparar a comida já adiantada na noite anterior. Ela levava o almoço para os demais que se encontravam na roça e por lá permanecia trabalhando até o fim do dia.

Como relatado por várias mulheres ao longo desta pesquisa, elas trabalhavam na lavoura até quando já estavam para ganhar bebê e retornavam à lida na roça poucos dias depois do parto.

Ao chegar em casa, uma nova etapa de trabalho as aguardava: cuidar dos afazeres domésticos e dos filhos, fiar cordão para a produção de colchas, cobertas e de vestimenta de trabalho, como descreve dona Terezinha:

A vida num era fácil não. De noite, eu sentava com a minha mãe fazendo linha e pávio [linha mais grossa utilizada para a confecção das cobertas] de algodão com o fuso pra fazer calça, roupa pros homens e coberta, ficava até tarde.

O trabalho de fiar cordão geralmente era realizado já tarde da noite, horário em que os homens já se encontravam dormindo. O algodão cultivado tinha dois objetivos, a venda realizada pelos homens nas estações e a sua transformação em roupas de trabalho, colchas e cobertas para as famílias, trabalho executado pelas mulheres.

Envolvendo vida e trabalho no tempo presente de Gameleira

A partir de fins da década de 1990, os moradores da Gameleira passam a investir seu tempo e trabalho prioritariamente na criação de gado. Este fato decorre das mudanças

que atingiram as suas vidas de duas formas, e que se resumem numa frase dita por Sr. João Botelho: “*a terra cansa e o moderno atraí*”. Ou seja, para os moradores, a terra já não produz como antigamente em decorrência de seu desgaste e da diminuição da chuva na região. Além deste fator apontado por vários moradores, a migração dos filhos jovens atraídos pela vida urbana e o assalariamento diminuiu a quantidade de pessoas em idade produtiva que esta prática demanda.

O quadro a seguir mostra como as divisões do trabalho se tornam mais acentuadas e as relações mais complexas na atualidade. A marcante divisão não significa relações hierárquicas mais determinadas, mas as mudanças em curso relacionadas às esferas do trabalho.

Em comparação com o quadro da seção anterior foi incorporada uma nova coluna para apontar a dinâmica atual, a do trabalho “fora da comunidade”. O trabalho assalariado via migração permanente ou deslocamentos diários são comuns na atualidade, como relato na próxima seção em que discorro sobre a interpretação dos trabalhos femininos.

Com relação à execução do trabalho na terra, antes realizado por homens e mulheres, atualmente é realizado majoritariamente pelos homens, o que pode ser observado na quarta coluna do quadro (dentro da unidade de produção).

Quadro 02: Calendário de Trabalho da Gameleira: Entre início do século XX e finais da década de 1990.

CALENDÁRIO DE TRABALHO DA GAMELEIRA								
<i>Finais da década de 1990 ao período atual</i>								
Mês	Unidade de produção			Mês	Unidade de consumo e de beneficiamento dos cultivos			Fora da comunidade
	Atividade	Processo/tempo	Quem executa		Atividade	Processo/tempo	Quem executa	Trabalho assalariado
Ago.	Preparo da terra para plantio	Arar, destorroar ou gradear a terra e “bater paiada”	Homens	Fev. a Nov.	<ul style="list-style-type: none"> • Preparo das refeições; • Cuidado com os filhos; • Organização do espaço físico da casa; • Criação de animais de pequeno porte; • Cultivo de horta; • Algumas moradoras trabalham na produção de artesanato. 	Grande parte das atividades desenvolvidas na unidade de consumo e beneficiamento permanece não sendo dividida pelos meses do ano, visto que envolve as necessidades básicas e cotidianas da família.	Mulheres	Realizado tanto por homens quanto por mulheres. Ocorre de duas formas: a) Com a migração para as cidades; b) Através do deslocamento diário para localidades próximas dos que permanecem vivendo na comunidade.
Set.	Preparo da terra para plantio	. Arar, destorroar ou gradear a terra e “bater paiada”						
Out..	Planta da roça	Feijão de corda e milho.						
Nov..	Planta da roça	Feijão de corda e milho.						
Dez.	Limpa da roça	Com a enxada, para tirar o mato. Aplicação do <i>Tamaron</i> se necessário.						
Jan.	Ordenha	Período de grande produção de leite						
Fev.	Repasse da limpa da roça	Novamente o mato deve ser retirado com a enxada. Aplicação do <i>Tamaron</i> se necessário						
Mar.	Roçada do pasto Dobra do milho	Limpeza das áreas de pastagem com aplicação do “ <i>Randap</i> ”.						
Abr.	Roçada do pasto Dobra do milho	Limpeza das áreas de pastagem com aplicação do “ <i>Randap</i> ”.						
Mai.	Colheita do feijão de corda.	Entre 80 e 90 dias do plantio.						
Jun.	Retocar a cerca	Reparo das cercas dos pastos.						
Jul.	Retocar as cercas	Reparo das cercas dos pastos.						

Fonte: Pesquisa de campo - Jehnne Crisley Amorim, 2012. Org. CUNHA, 2013.

O quadro também aponta que o terreno permanece sendo arado tradicionalmente e alguns moradores ainda “destorroam” a terra com a tora de madeira. Porém, a utilização do trator para a gradagem já é utilizado em algumas áreas de plantio.

Já não existem mais casas de farinha e engenhos ativos na comunidade. Portanto, este ciclo também encerra os trabalhos realizados em mutirão que envolvia a produção da farinha e da rapadura.

Em decorrência da chegada da água encanada, as hortas não são mais cultivadas nas margens do rio. Elas passaram a ser cultivadas próximas às casas dos moradores, facilitando o trabalho da mulher, que é a responsável por seu cuidado.

O feijão e o arroz deixaram de ser produzidos, e o feijão de corda, a cana-de-açúcar, a mandioca e o milho são cultivados apenas para o consumo interno ou para a produção da ração animal. Já não há mais a comercialização do excedente da safra ou da farinha e da rapadura antes produzidas. Em seu lugar, aumenta a comercialização dos animais – gado, porco e galinha – e do queijo, este último apenas no período das águas, quando aumenta a produção do leite e é possível a fabricação do excedente, com exceção da propriedade de um morador, que produz queijo durante todo o ano para comercialização.

Se antigamente as pragas eram combatidas por “curadeiros” - termo local que designa as pessoas que benziam na Gameleira - atualmente combate-se com “venenos”, o inseticida Tamaron (fabricado pela Bayer) no combate da lagarta e o herbicida Randap (ou Roundup, fabricado pela Monsanto), no combate do mato (ervas daninhas) que cresce no pasto.

Porém, nas hortas as mulheres permanecem utilizando inseticidas naturais, como relata dona Lena:

Aqui quando dá pulgão eu uso é o xixi da vaca. Mas tem que ter cuidado, porque o xixi do cavalo não serve, a gente tem que ficar vigiando. Passa nas plantas e elas ficam tudo sadia, some tudo.

Dona Lena, 2012

A Gameleira mistura tradição e modernidade na utilização de instrumentos de trabalho e de máquinas agrícolas, no uso de inseticidas naturais e de herbicidas e inseticidas fabricados por empresas multinacionais. Esta mistura expressa os saberes locais e o conhecimento incorporado ao longo do tempo pelos moradores.

Entre passado e presente, a comunidade procura se adequar às mudanças em curso. Na nossa vivência na Gameleira este fato se mostrou em um acontecimento presenciado na comunidade em julho de 2014, quando uma moradora - **ajudada** por seu companheiro - realizou todo o processo de moagem da cana no engenho de tração animal seguido da fabricação da rapadura.

Algumas moradoras da comunidade também trabalham na feira em Glauvilândia, quando comercializam beiju, hortaliças e artesanato. É sobre esta e outras estratégias com que as mulheres buscam alcançar autonomia, que procuramos compreender a interpretação dada pelos moradores e moradoras sobre o papel e os nomes do trabalho feminino na contemporaneidade. Pois, na dinâmica atual que envolve vida e trabalho na Gameleira, a maioria das mulheres já não desempenha mais o trabalho na roça.

Esta passagem representa, ao mesmo tempo, o passado narrado na seção anterior, em que a mulher trabalhava na roça junto com o marido, e o presente, quando a mulher passa a **ajudar** o marido nas atividades que ele exerce, ou opta pelo **trabalho** assalariado ou alguma atividade geradora de renda. Na atualidade, esta moradora, dona Iraci, é a única que permanece produzindo rapadura na comunidade.

Atualmente, a diminuição do trabalho na roça e a divisão do trabalho familiar diferenciam-se da de outrora, o que é visibilizado principalmente nas gerações mais jovens. De um lado os homens tornam-se criadores-agricultores e permanecem exercendo seu **trabalho** na lida da roça. De outro, as mulheres jovens casadas que permanecem vivendo na Gameleira estão economicamente mais dependentes dos maridos. Neste contexto, há a mudança dos nomes do trabalho feminino e isto ocorre de duas formas.

a) Aquelas que se dedicam aos trabalhos domésticos – principalmente as jovens casadas – tendem a ter o seu papel redefinido nos relatos masculinos daqueles que têm na memória a lembrança das atividades que a mulher exercia na roça. Esta tendência é evidenciada na fala de um morador, quando ele diz que *“tudo enquanto era mulher aqui trabalhava mais do que os homens (...). Mas isso é passado”*. Em sua companhia, outro morador completou: *“mulher hoje é preguiçosa”*.

É interessante observar que geralmente a invisibilidade do trabalho feminino ocorre quando o homem passa a manter trabalho assalariado em cidades ou em fazendas próximas como vaqueiro, por exemplo, e deixa de trabalhar em seu próprio terreno, tanto no cultivo quanto no criatório (permanecem criando poucas cabeças de gado com a finalidade de poupança). Ou seja, a mulher passa a ser ressignificada quando o homem deixa de ser, ele próprio, um reprodutor do trabalho camponês dentro de suas terras. Com isto, além do trabalho voltado para a manutenção do lar, ela cultiva horta e cria animais de pequeno porte. Comparando estas atividades com as que a mulher exercia no passado, o seu papel passa a ser invisibilizado pela população local, porque quando o homem deixa de trabalhar e de gerenciar o trabalho na terra, a mulher perde as suas funções que derivam deste arranjo.

Em outras palavras, a mulher referenciada como *“preguiçosa”* pelo morador é aquela que vive na comunidade e não executa alguma atividade que lhe garanta a

permanência do seu papel de complementaridade, por mais que ela execute suas atividades de manutenção e cuidado da família. Porém, o homem compreendido como o “*chefe de família*” não percebe que isto decorre das mudanças referentes ao trabalho masculino. Ou seja, quando ele passa a exercer alguma atividade assalariada e deixa de executar as atividades que proporcionam as relações familiares de trabalho. Estes casais são mais vulneráveis a uma futura migração.

b) O trabalho da mulher é ressignificado, ou seja, o homem **trabalha** quando exerce suas atividades envolvendo a criação e o cultivo, e a mulher **ajuda** quando executa alguma atividade na roça, na criação de “*animais de quinta*”, galinhas e porcos destinados ao consumo e ao comércio, ou voltada para o beneficiamento dos produtos, como a fabricação do queijo.

Porém, a ressignificação do nome do trabalho feminino não significa que as mulheres que permanecem desempenhando suas atividades junto aos maridos perderam seu espaço ou a sua visibilidade, ou que as atividades que executam na atualidade não sejam percebidas como importantes. Num relato dado por um morador, o papel de complementaridade entre as atividades executadas por homens e mulheres é evidenciado: “*sem a ajuda dela aqui fica difícil de produzir queijo. A gente até sabe, mas com a lida com o gado não dá tempo. Hoje a Lourdes não ta muito boa de saúde, e quando ela não dá conta, a Ivete faz sozinha*”.

Interpretando as mudanças que ocorrem na comunidade a partir da nossa vivência em campo, e comparando-a com as relações familiares camponesas discutidas nos capítulos que fazem parte da primeira e da segunda parte desta pesquisa, as mulheres que mantêm algum elo com o trabalho que o marido desempenha e **ajudam** na complementação da renda familiar, a categoria que identifica suas atividades mudou de forma a evidenciar que o equilíbrio entre unidade de consumo e unidade de produção foi alcançado e que os papéis hierarquicamente construídos permanecem sendo reproduzidos a partir dos **nomes do trabalho**.

Com relação à interpretação dada pelas mulheres, elas também compreendem que suas funções na comunidade mudaram. Se anteriormente a mulher trabalhava ao lado do marido, atualmente ela **ajuda** quando pode, porque atualmente a sua dedicação a esta atividade não é mais uma questão essencial de sobrevivência familiar na construção da terra de trabalho. E com isto, uma parcela das mulheres da Gameleira procura novas alternativas que lhes assegurem certa autonomia diante das mudanças em curso. Para as mulheres, **trabalho** passou a significar aquele que gera assalariamento ou algum tipo de renda familiar. Assim, novas estratégias são elaboradas por elas neste sentido.

Atualmente, como já dito, elas buscam alternativas de trabalho fora da comunidade ou com a produção do artesanato. Assim, essas mulheres que optam por encontrar novos caminhos, permanecem sendo vistas como companheiras e alcançam autonomia maior em decorrência de sua independência financeira e à contribuição nas despesas que envolvem gastos familiares.

Com relação ao trabalho exercido pelas mulheres, há um grupo que opta pela produção do artesanato - arranjos florais e bordados - e outro que opta por trabalhos assalariados. Apenas uma moradora da Gameleira executa trabalho remunerado na comunidade. Ela é agente de saúde do posto de saúde da Gameleira de Glaucilândia. As outras se deslocam para a área urbana de Glaucilândia, distante doze quilômetros da Gameleira.

Assim, em algumas residências, as mulheres trabalham fora da comunidade e os maridos permanecem trabalhando na terra, cuidando do gado e plantando. Este arranjo gera o equilíbrio entre assalariamento e autonomia, e é também uma estratégia que garante a permanência de seus modos de vida.

Outras mulheres deslocam-se para alguma comunidade próxima e trabalham como professoras ou serviçais em escolas rurais, retornando todos os dias para a comunidade. Enquanto se encontram trabalhando, os filhos pequenos são cuidados pelos avós.

Uma das características do campesinato refere-se a divisão dos papéis desempenhados por cada integrante familiar, sendo o homem considerado aquele que exerce a função de chefe do grupo doméstico. Contudo, atualmente ocorrem mudanças nas formas hierárquicas relacionadas à divisão do trabalho na Gameleira que aclara a tendência de transformação deste tipo de organização na atualidade. E pode-se frisar que este fato está indubitavelmente ligado ao processo histórico de sua constituição. Como parceira, a mulher “*labutava*” na terra junto ao homem, ou seja, nos espaços compreendidos como de trabalho masculino.

As mulheres, que sempre tiveram um papel de destaque na comunidade, mesmo que este papel fosse hierarquicamente comandado pelo homem, buscam alternativas para não perderem sua visibilidade. Seja porque convivem mais de perto com as relações urbanas de trabalho, ou seja, porque historicamente sempre fizeram parte dos processos que configuram as alternativas de sustentabilidade alimentar e econômica na Gameleira.

Contudo, entre passado e presente, apesar de as mulheres terem exercido os mesmos papéis que os homens no “eito da roça” – e exercer os mesmos papéis que os homens remete à compreensão da utilização da força física a um limite desgastante para a mulher – e de atualmente algumas optarem por manterem um trabalho que lhes garanta assalariamento ou renda, os homens não exerceram e não exercem os mesmos papéis que as mulheres.

A mulher “teve” que trabalhar como homem, o que foi aceito como um fato de necessidade imediata de sobrevivência. Porém, o homem não “teve” que trabalhar na unidade de consumo no que se refere às atividades que envolvem a manutenção e o cuidado do núcleo familiar, uma vez que este trabalho é tradicionalmente considerado atividade feminina não apropriada pelo masculino, o que permanece ocorrendo nos dias atuais.

Apesar da autonomia alcançada por algumas mulheres da comunidade, a dupla jornada de trabalho permanece acontecendo. Após um dia de trabalho, que envolve o seu deslocamento para as áreas circunvizinhas, ou o ficar durante horas trabalhando com artesanato ou com o beneficiamento de algum produto, as mulheres permanecem responsáveis pelas atividades relacionadas aos cuidados da unidade familiar. Este fato se reproduz tanto no mundo rural quanto no urbano, neste último de forma menos acentuada que no passado, pois esta é uma reprodução dos papéis construídos e reproduzidos pelas famílias de modo geral.

Considerações

Diante da discussão apresentada, pode-se concluir que as famílias pioneiras da Gameleira organizavam seu trabalho para garantir a sobrevivência coletiva. Assim ocorreu porque não havia possibilidade de divisão de tarefas nos primeiros anos de povoamento da Gameleira, prolongando-se por três gerações a presença da mulher em atividades consideradas masculinas. Elas derrubaram a mata, destocaram a terra, araram e plantaram, cuidaram do gado com a mesma intensidade que o homem na realização dos trabalhos.

Deste modo, as relações hierárquicas foram mantidas através da divisão do **gerenciamento** das tarefas. A mulher executava suas atividades tanto na unidade de consumo, como na unidade de produção. Contudo, a sua função de gerenciamento reconhecida era apenas na primeira. O homem exercia a sua liderança na unidade de produção e na comercialização dos produtos cultivados. Refletindo outras comunidades rurais, o “mundo de fora” encontrava-se na esfera do domínio masculino, uma forma de se manter a hierarquia por meio dos papéis desempenhados pelos membros familiares.

Na atualidade, em que as famílias passam a ser menos numerosa e a atividade agrícola deixa de existir em decorrência da exaustão do solo e da migração dos mais jovens, a criação de gado passa a ser a opção utilizada pelas famílias. Por exigir menores esforços, este trabalho é realizado pelo homem, que assim permanece reproduzindo o papel de liderança do núcleo familiar. Com isso, as funções de complementaridade que caracterizavam as atividades desempenhadas por homens e mulheres já não ocorrem mais com tanta expressão.

Neste sentido de transformação da estrutura de reprodução do trabalho, a mulher fica liberada para exercer outras atividades. Cabe então a ela criar novas estratégias que lhe garanta visibilidade e autonomia. Com isto, novas configurações se instalam.

Diante deste novo cenário, a mulher passa a buscar alternativas que lhe garanta certo grau de autonomia. Acionadas as estratégias, as mulheres buscam alcançar o equilíbrio entre produção-consumo, hierarquia-autonomia, tradição-emancipação. A mulher da Gameleira de hoje representa um mosaico de papéis que ela desempenha e em que é ressignificada: a) ela permanece *trabalhando/ajudando* junto com o marido em suas atividades na terra, agora desempenhando tarefas que definem melhor a divisão do trabalho; b) ela procura trabalho assalariado fora da comunidade, mas permanece vivendo com a família no lugar de sua origem, e passa a participar financeiramente das despesas domésticas; c) ela busca alternativas na produção do artesanato, forma de geração de renda em que o deslocamento é desnecessário; d) ela migra em busca de trabalho assalariado, ou de estudo e trabalho em terras próximas ou distantes, e procura uma independência financeira.

Este último mosaico é o que determina maior contradição entre autonomia e dependência, pois reflete o universo urbano de dependência do trabalho assalariado.

Por fim, na Gameleira a mulher é considerada uma parceira de trabalho na memória coletiva. Porém, mesmo que seu trabalho na lavoura tenha ocorrido durante várias gerações de forma intensa e árdua, atualmente ele é rememorado e compreendido como uma atividade transitória superada, uma vez que ocorreu em períodos de necessidade intensa de braços no processo de edificação da comunidade.

Referências

ALMEIDA, Maria Geralda de. **Diversidades paisagísticas e identidades territoriais e culturais no Brasil sertanejo**. In: ALMEIDA, Maria Geralda; CHAVEIRO, Eguimar (Orgs.). Geografia e Cultura: a vida dos lugares e os lugares da vida. Goiânia, 2008.

BOSSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças dos velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Diário de Campo: A Antropologia como Alegoria**. São Paulo: Brasiliense.

CUNHA, Maria das Graças Campolina. **Gameleira, sertão Norte de Minas Gerais: um olhar feminino sobre o feminino camponês**. 2013. 312 f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Geografia, Departamento de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2013.

JEDLOWSKI, P. Memórias: temas e problemas da sociologia da memória no século XX. **Pro-posições**, Campinas, v. 14, n.1, p. 217-234, 2003.

PAULA, Andréa Maria Narciso Rocha de. **Travessias:** movimentos migratórios em comunidades rurais no sertão do norte de Minas Gerais. Uberlândia: PPG-IG/UFU, 2009. Tese de doutorado. 350 f.

PAULILO, M. I. O peso do trabalho leve. **Revista Ciência Hoje**, Rio de Janeiro, nº 28, p. 01-07, 1987.

_____. Trabalho familiar: uma categoria esquecida de análise. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 12 (1), p. 229-252, jan/abril, 2004.

Recebido para publicação em 06 de junho de 2016.

Aceito para a publicação em 06 de janeiro de 2017.